

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ILDIOMAR CÂNDIDA DOS REIS TRANCOSO

**PRÁTICAS CURRICULARES DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: O QUE DESVELA AS ESCOLHAS DOCENTES?**

MACEIÓ
2019

ILDIOMAR CÂNDIDA DOS REIS TRANCOSO

**PRÁTICAS CURRICULARES DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: O QUE DESVELA AS ESCOLHAS DOCENTES?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do diploma de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Cavalcanti
dos Santos

MACEIÓ
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecário: Roselito de Oliveira Santos / CRB 1633

T772p Trancoso, Ildiomar Cândida dos Reis .
Práticas curriculares de leitura e escrita na educação
infantil: o que desvela as escolhas docentes?/ Ildiomar Cândida dos Reis
Trancoso. – 2019.
21 f. : il.

Orientador: Adriane Cavalcante dos Santos.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Centro de Educação Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 33.

1. Alfabetização 2. Escrita 3. Práticas curriculares I. Título.

CDU: 37.013

ILDIOMAR CÂNDIDA DOS REIS

PRÁTICAS CURRICULARES DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DESVELAM AS ESCOLHAS DOCENTES?

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 30/07/2019.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Cavalcanti dos Santos

Comissão Examinadora

Adriana Cavalcanti dos Santos

Profa. Dra. Adriana Cavalcanti dos Santos (CEDU/UFAL)

Silvana Paulina de Souza

Profa. Dra. Silvana Paulina de Souza (CEDU/UFAL)

Yana Liss Soares Gomes

Profa. Dra. Yana Liss Soares Gomes (CEDU/UFAL)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente e a todos aqueles que fizeram parte dessa jornada nesse curso de Pedagogia. Professores e colegas, familiares e toda coordenação do curso que mantive contato em busca de informações e diversos serviços, como também as escolas onde fiz os estágios. Chegar até aqui foi um desafio, e na caminhada precisamos às vezes ser rebocados para poder continuar. Vejo como é importante encontrar pessoas que vão nos dando força e palavras de ânimo. Cada período do curso vai sendo marcado por uma diversidade de ações de aprendizagens. E vamos percebendo o quanto tudo isso é importante.

Quero aqui prestar meus agradecimentos às professoras:

Roseane Amorim, pelos incentivos dados no primeiro período. Sempre falava “vai dar tudo certo meus amores”. Foram de suma importância suas palavras;

Abdízia, professora de Didática, que muito nos ensinou sobre o valor do Docente, que como futuras pedagogas devemos lutar pela valorização da classe;

Ana Vergner maravilhosa, pessoa amável que promove o aluno;

Silvana Paulino, pois ouvi-la foi muito importante para mim, era sempre como que soasse um senso de justiça, sempre percebia nela esta característica muito forte. Cada palavra, detalhe do posicionamento do aluno era o ponto de partida da sua aula, aproveitando cada contribuição, sempre valorizando a participação discente.

Também ao professor Anderson tão amável nos falando “eu me reconheço como pessoa quando reconheço o outro”. Quão importante essa disciplina de Antropologia.

Na verdade, a lista é grande sou grata a todos e todas professores e professoras desse curso.

Quero agradecer em especial à professora Adriana Cavalcanti dos Santos, minha professora desde o terceiro período, e minha orientadora neste Trabalho de Conclusão do Curso.

Particularmente a admiro pela sua amabilidade e competência, sempre gentil e prestativa.

Quero agradecer também a minha família, que tanto me deu forças, minhas filhas e filho, Anne, Ana Luiza, Ana Clara e Jeferson.

E, em especial, meu marido Alcimar que tem sido toda a minha força em tudo e nunca deixou que eu desistisse.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo conhecer as práticas curriculares de leitura e escrita que, segundo o professor, mais contribuem para o processo de alfabetização e letramento e sua relação com determinadas práticas curriculares que as crianças mais gostam. Para isso, foi realizada uma investigação quanto-qualitativa, cujo instrumento de coleta de dados se constituiu de um questionário *on-line*, que foi respondido por 29 docentes de Centros Municipais de Educação Infantil. Os resultados apontam relativa diversidade de práticas utilizadas pelas docentes, tais como reconto de histórias, leitura de diferentes livros pelo professor, leitura de diferentes textos pelos alunos, identificação de letras e palavras em textos no campo da leitura, e reconto de história ilustrando por desenho, produção de texto livre, produção de texto individual e também em dupla, no campo da escrita. Nesta diversidade de práticas pareceu haver ativa participação das crianças e forte presença do lúdico. Os resultados também indicam certa harmonização entre as práticas preferidas pelas docentes e pelas crianças. Percebe-se ainda um alinhamento das atividades de leitura e escrita desenvolvidas com aquilo que é orientado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Palavras-chave: Práticas Curriculares. Leitura. Escrita. Alfabetização. Letramento. Educação Infantil.

ABSTRACT

The present work aims to know the curricular practices of reading and writing that, according to the teacher, contribute most to the process of basic literacy and its relation with the curricular practices that children like the most. For this, a preliminary survey was conducted through an online search involving 29 teachers from Municipal Centers for Childhood Education, with pertinent questions to the theme. The results indicate a relative diversity of practices such as storytelling, reading of different books by the teacher, reading of different texts by students, identification of letters and words in texts in the field of reading, and retelling of story illustrating by drawing, free text production, individual text production and also in pairs, in the field of writing. In this diversity of practices there seemed to be active participation of children and strong presence of the playful. The results also indicate some harmonization between the practices preferred by teachers and children. It is also noticed an alignment of the reading and writing activities developed with what is oriented by the Common National Curricular Base (NCCB).

Key words: Curricular Practices. Reading. Writing. Literacy. Literature. Child education

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Objetivos de aprendizagem propostos pela BNCC relacionados ao campo de experiências escuta, fala, pensamento e imaginação	16
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Atuação profissional docente	23
Gráfico 2: Tempo, em anos, de atuação na educação básica	23
Gráfico 3: Tempo, em anos, de atuação na educação infantil	24
Gráfico 4: Práticas curriculares de leitura que mais contribuem para o processo de alfabetização e letramento dos seus alunos, na concepção das professoras e das crianças	26
Gráfico 5: Práticas curriculares de escrita que mais contribuem para o processo de alfabetização e letramento dos seus alunos, na concepção das professoras e das crianças	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO: UM CAMINHO CONSTRUÍDO.....	12
3	LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS POSSÍVEIS?	14
3.1	A BNCC e as Práticas Curriculares de Leitura e Escrita na Educação Infantil ..	15
3.2	A Leitura e Escrita na Educação Infantil: Pesquisas Recentes	17
3.3	Algumas Considerações.....	19
4	PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA: UMA LEITURA DOS DADOS	22
4.1	Perfil dos Sujeitos	22
4.2	Práticas Curriculares de Leitura e Escrita: apresentação dos resultados.....	24
4.3	Práticas Curriculares de Leitura e Escrita: alguns comentários	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa as práticas curriculares de leitura e escrita na Educação Infantil e o que desvela as escolhas docentes¹, para a inserção da leitura e a escrita no cotidiano da educação infantil.

Em se tratando da forma de pensar e planejar as práticas curriculares de leitura e escrita na Educação infantil, o educador e a comunidade escolar precisam estar atentos cuidando para o processo de alfabetização e letramento acontecer de forma a considerar ao máximo aquilo que a criança já traz das suas vivências, evitando burlar, deixar de lado suas preferências e experiências, avaliando-as como algo menos importante (FERREIRO, 2000; MELO; BRITO, 2014). Devem esforçar para, a partir dos conhecimentos apresentados, a criança possa perceber ligações com aquilo que traz para a escola, e assim construir outros conhecimentos.

No âmbito do trabalho docente, esse esforço relaciona-se com o dar importância e trabalhar a partir daquilo que as crianças mais gostam; ampliar os conhecimentos fundamentados em pesquisas; e o desenvolvimento de estratégias de ensino que considerem o contexto específico onde sua prática se materializa. Na expectativa de que desse conjunto de ações possa colaborar positivamente para o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas e para a aprendizagem dos alunos.

O interesse pelo presente estudo surgiu a partir dos encontros no Grupo de Estudo e Pesquisa em Didáticas de Leitura, de Escrita e da Literatura (GELILT). Durante os referidos encontros lemos e refletimos sobre pesquisas científicas que abordam a temática da leitura e escrita na educação infantil, especialmente Soares (2003) com as questões dos métodos de alfabetização e letramento, Simonetti (2007) tratando dos desafios enfrentados na tarefa de alfabetizar e letrar, e ainda Ferreiro (2000) propondo reflexões sobre alfabetização e seus sentidos.

Desta forma, o problema de investigação foi definido pela seguinte pergunta: quais as práticas curriculares de leitura e escrita mais utilizadas pelo professor e sua relação com aquelas práticas curriculares que os professores afirmam que as crianças mais gostam?

Para dar conta do referido problema de investigação foi definido como objetivo geral: analisar as práticas curriculares de leitura e escrita que segundo o professor mais contribuem

¹ No caso deste trabalho, como será melhor descrito mais a frente, somente professoras aceitaram participar da pesquisa, respondendo ao questionário enviado eletronicamente.

para o processo de alfabetização e letramento e sua relação com as práticas preferidas pelas crianças. Nesse sentido, os objetivos específicos foram os seguintes: identificar as estratégias mais utilizadas pelos professores para trabalhar a leitura e a escrita; descrever, na opinião dos professores, as estratégias as crianças mais gostam.

A pesquisa se estabelece em cima da afirmação da importância da apropriação das habilidades de leitura e escrita por parte das crianças, considerando já nascerem em uma cultura letrada. Moraes (2013) traz em seus escritos observações que o saber ler, e ler bem², são condições indispensáveis para a vida, as relações de trabalho que exige a compreensão dos mais distintos textos e, no caso do professor, para realizar um trabalho gratificante, utilizando recursos da vida cotidiana, como computador e a internet. Como observa o autor, tem havido avanços nas distintas ciências a respeito da compreensão do complexo processo de aprendizagem da leitura e escrita, incluindo as modificações que se passam no cérebro, os circuitos cerebrais utilizados no ato da leitura. Contudo, isso tudo só faz sentido se o professor levar em conta os processos cognitivos que se dão na mente das crianças, conhecer as relações entre as diversas aquisições feitas pelo aprendiz que conduzem ao saber ler, e, sobretudo, saber identificar as dificuldades encontradas pela criança (MORAIS, 2013).

O aprender a ler começa em casa e nos primeiros espaços formais extra casa que a criança começa a frequentar sistematicamente: a creche e a escola de educação infantil principalmente (MORAIS, 2013). Tendo a família como o primeiro grupo de socialização, a criança tem principalmente nos pais o grande modelo, procurando imitá-los de alguma forma. Ou seja, ver os pais em um exercício de leitura, e melhor, gostando de ler, há uma grande chance de a criança também valorizar a leitura, e assim desenvolver desde mais cedo o prazer de ler. O professor pode também fazer parte desse processo inicial mostrando tanto aos pais como aos alunos a importância da leitura. Nesse caso, pode-se dizer que o professor faz um duplo trabalho: por um lado, ensina sistematicamente a criança a ler e escrever, por outro, ajuda a se tornarem boas leitoras, pessoas que gostam de ler.

Tendo estas questões em consideração, focando as práticas curriculares de leitura e escrita na educação infantil, esse artigo se organiza em cinco seções. Na primeira seção, trazemos a metodologia utilizada para conduzir a investigação. Na segunda, discutimos as práticas curriculares de leitura e escrita na Educação Infantil a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e apresentamos a revisão de literatura procurando demonstrar

² Ou seja, de forma a atender tanto as necessidades de quem lê – no sentido de compreender o que se lê – como de quem houve – no sentido de fazer a leitura com clareza na pronúncia, na pontuação e entonação pedida pelo texto.

como a leitura e a escrita na educação infantil vem sendo discutida. Na terceira seção apresentamos e discutimos os resultados da investigação. Por fim, tecemos algumas considerações finais.

2 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO: UM CAMINHO CONSTRUÍDO

Esta é uma pesquisa qualitativa que busca conhecer e compreender aspectos da prática didática de professores, procurando seu significado a partir da manifestação de suas escolhas de como trabalham a leitura e a escrita com as crianças.

Segundo Minayo (2008), o objeto de pesquisa das ciências humanas e sociais é essencialmente qualitativo, ou seja, independentemente da abordagem, ao buscarmos conhecer algo a respeito das práticas e preferências humanas lidamos com algo dinâmico e com vontade própria. Dessa forma para conhecer a opinião dos sujeitos, realizamos a aplicação de um questionário *on-line*. De acordo com Ludke e André (2007) uma mesma situação pode ser percebida de forma diversa, pois dependerá da história pessoal de cada um, das suas práticas.

Os sujeitos da pesquisa foram 29 professoras da educação infantil que atuam em Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), da Secretaria de Educação de Maceió (SEMED).

O instrumento de investigação utilizado foi questionário estruturado composto por sete questões, sendo quatro de múltipla escolha e três abertas. No referido questionário, além da identificação do perfil básico dos sujeitos (sexo, etapa de ensino em que exerce a docência, tempo de atuação na educação básica e na educação infantil, e nível de formação), foram propostas duas questões, dentro das de múltipla escolha, a saber: (a) das práticas curriculares de leitura e escrita descritas abaixo, assinale as 7 (sete) que em sua opinião mais contribuem para o processo de alfabetização e letramento dos seus alunos; e (b) das práticas curriculares de leitura e escrita descritas abaixo, assinale as 7 (sete) que em sua opinião os alunos mais gostam. Estas perguntas configuram a base para as reflexões deste TCC, pois exprimem a opinião dos professores a respeito das próprias opções e da percepção deles sobre as preferências das crianças com as quais trabalham.

O questionário foi construído na plataforma virtual denominada *Google Docs*³. Após ter sido finalizado foi enviado, por meio de endereço eletrônico, para 109 (cento e nove) *e-mails* de professores que trabalham nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) da

³*Google Docs* é a denominação genérica do conjunto de aplicativos para escritório desenvolvidos pela empresa *Google*. Os aplicativos funcionam diretamente a partir da internet, ou seja, podem ser acessados através do navegador de internet sem a necessidade de instalação do produto. É totalmente gratuito. Contudo, para utilizá-lo precisa ter um cadastro no sistema da empresa *Google*. Após o cadastro, basta fazer *login* no site docs.google.com e usufruir das utilidades fornecidas pelo conjunto de aplicativos.

cidade de Maceió. Estimamos que cada pessoa ocuparia, no máximo, quinze minutos para responder todas as questões. As respostas individuais foram contabilizadas e analisadas de modo a preservar a identidade dos participantes.

Foi dada aos professores contatados através do *e-mail* de envio do questionário, toda orientação para que facilitasse ao máximo o seu preenchimento *on-line*. Terminadas as respostas das sete questões obrigatórias, bastava o voluntário clicar no botão <ENVIAR> que aparecia logo abaixo da última questão, para que o questionário fosse virtualmente devolvido à plataforma. Este é o comportamento padrão do ambiente virtual utilizado.

Assim, a mesma plataforma *Google Docs* também serviu como local virtual para recebimento do retorno ao questionário enviado pelos professores. Automaticamente com as respostas de cada voluntário nessa pesquisa, os resultados já se apresentavam no sistema em duas modalidades: um resumo geral que trazia graficamente em forma de porcentagens as opções escolhidas, e cada questionário individualmente, mas sem possibilitar a identificação do respondente, como já afirmado acima.

As respostas de cada participante foram inseridas em planilha eletrônica para possibilitar a elaboração de maior variedade de gráficos bem como o cruzamento de dados, já que a plataforma *Google Docs* fornece um tipo de gráfico padronizado para as respostas de cada pergunta e não permite o cruzamento de dados entre as variáveis.

3 LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS POSSÍVEIS?

Nesta seção apresentamos uma análise do que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta sobre leitura e escrita para a Educação Infantil, uma revisão de literatura procurando demonstrar como a leitura e a escrita na educação infantil vem sendo discutida no Brasil e, por fim, algumas considerações críticas à luz dos autores que fundamentam esta pesquisa.

As práticas de leitura e escrita na Educação Infantil precisam acontecer de uma forma significativa para a criança. Assim como os jovens e os adultos, as crianças aprendem nos distintos lugares dos quais participa. Inicialmente na família, com os pais e as demais pessoas próximas, com as quais convive cotidianamente. Esse aprendizado, via de regra, se dá sob uma rotina lúdica, de curiosidades e descobertas (MORAIS; ALBUQUERQUE; BRANDÃO, 2016).

Quando chega na escola a criança é confrontada com uma rotina que pode lhe ajudar a seguir construindo sua base de conhecimentos que vão sustentando suas práticas dentro e fora da escola. Esse processo é dinâmico e a caminhada escolar da criança, na nossa sociedade, passa a ser fundamental para sua constante construção. Tanto o professor como a comunidade em geral e a família têm a responsabilidade de colaborar para uma preparação sólida na trajetória educacional das crianças, para a formação de futuros cidadãos críticos.

Com o questionamento em mente de serem ou não possíveis práticas de leitura e escrita na educação infantil, procuramos fundamentos em duas direções. A primeira na legislação brasileira a partir dos princípios básicos apontados na BNCC posto que traz diretrizes para a escola e para o professor na construção dessa base sólida que vai incrementar os passos das crianças no seu contexto escolar e social mais amplo.

Na segunda direção, buscamos artigos que discutissem o tema da escrita e leitura na educação infantil, para compreendermos como o assunto vem sendo discutido na academia. Para isso, fizemos busca no portal de periódicos disponibilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁴. Utilizamos os seguintes critérios de busca dos artigos: conter no título a palavra **escrita** e no assunto o tema **educação infantil**. O período de publicação dos artigos ficou de 2000 a 2018, que era o período padrão fornecido pelo próprio portal. Também preferimos procurar somente por artigos revisados por pares.

⁴<https://www.periodicos.capes.gov.br/>

Com esses procedimentos, retornaram doze artigos, dos quais três foram selecionados para leitura por se tratarem das práticas de leitura e escrita na educação infantil. São os seguintes: Melo e Brito (2014), Martins, Albuquerque, Salvador e Silva (2015) e Morais, Albuquerque e Brandão (2016), e estão apresentados no item 2.2.

3.1 A BNCC e as Práticas Curriculares de Leitura e Escrita na Educação Infantil

A Base Nacional Comum Curricular para (BNCC) “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2019, p. 8, grifos do autor)⁵.

A partir da modificação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 2006, orientando que crianças na idade 6 anos tenham acesso ao Ensino Fundamental e a Educação Infantil passe a assistir crianças na faixa etária de zero a cinco anos de idade, a BNCC propõe que na Educação Infantil a criança seja matriculada na escola a partir da idade de 4 e 5 anos.

Como documento norteador, a BNCC deve estar refletida nos currículos de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio de todos municípios em todas as Unidades da Federação do Brasil. Ela explicita, para cada etapa da Educação Básica, o conjunto de competências a serem desenvolvidas pelos alunos. No caso específico da Educação Infantil, a referida base fala de direitos de aprendizagem e desenvolvimento (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se), de campos de experiências para cada faixa etária⁶(o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações) e de objetivos de aprendizagem para cada campo de experiência.

O campo de experiência diretamente vinculado à questão da escrita e da leitura é o penúltimo denominado escuta, fala, pensamento e imaginação. De acordo com a descrição do próprio documento, fundamenta-se na ideia de que, desde o nascimento, a criança participa e promove no seu cotidiano situações comunicativas com o ambiente e as pessoas com as quais interage. Nessas distintas situações vai interagindo com a cultura escrita. Na BNCC o objetivo da Educação Infantil não é de alfabetizar, mas preparar essa criança para o processo de

⁵ Uma versão para leitura no ambiente digital Pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#apresentacao>.

⁶Bebês: 0 a 1 ano e 6 meses de idade; Crianças bem pequenas: 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses de idade; e Crianças pequenas: 4 anos a 5 anos e 11 meses de idade.

alfabetização. Diante disso são propostos nove objetivos de aprendizagem para as crianças pequenas, expostos no quadro 1 abaixo.

Quadro 1: Objetivos de aprendizagem propostos pela BNCC relacionados ao campo de experiências escuta, fala, pensamento e imaginação

Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.
Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.
Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.
Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.
Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.
Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.
Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).
Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

Fonte: autora, quadro adaptado da BNCC.

Para a Educação Infantil, a BNCC não faz uso da expressão aluno, mas utiliza a nomenclatura criança, por reconhecer a especificidade da aprendizagem desse público específico, não focando os objetivos de aprendizagem em conteúdo, mas em campos de experiências. Nestes campos, as práticas pedagógicas devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira. As diretrizes curriculares estão elaboradas de forma a orientar como conduzir o processo educacional da criança desde 0 até 5 anos, afirmando que ela precisa estar em um espaço que proporcione o seu desenvolvimento e aprendizagem de maneira lúdica, e que a ajude a construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos.

O brincar e o cuidar devem estar juntos, porque a criança quando brinca está aprendendo muitas coisas. Ela está aprendendo a ser social, a fazer explorações, sobre os movimentos do corpo aprofundando seu aprendizado em relação às questões sensoriais e simbólicas. A criança vai aprendendo a fazer a sua própria leitura de mundo, sempre, é claro, mediada pelo outro: outras crianças, adultos, e os mais distintos objetos do contexto. Como escreve Paulo Freire (2001) a primeira leitura que fazemos e a leitura de mundo.

Tomando em conta estes campos de experiência e objetivos de aprendizagem, entende-se que a criança precisa receber ensinamentos que estejam voltados para as suas próprias

práticas, vivências e interações sociais. Além disso, tudo no espaço escolar precisa estar voltado para esse propósito, para o contexto mais amplo do desenvolvimento da criança, tendo um olhar diferenciado para suas necessidades, por ser este um momento do desenvolvimento humano intenso no que diz respeito às descobertas e exploração.

Todo esse conjunto de objetivos, portanto, tem o propósito de orientar aprendizagens, desenvolvimento e socialização. Ao mesmo tempo indicam ao professor um norte para atividades a serem desenvolvidas na sala de aula – reconto de histórias, invenção brincadeiras, uso de livros, levantamento de hipóteses sobre textos diversos, produção textual, etc. – indicam o conjunto mínimo de direitos das crianças dentro do ambiente escolar.

3.2 A Leitura e Escrita na Educação Infantil: Pesquisas Recentes

Melo e Brito (2014) relatam pesquisa realizada com o objetivo de investigar os usos da leitura e da escrita na Educação Infantil. Concordam com a ideia da Educação Infantil como “espaço e tempo, por excelência, de desenvolvimento da linguagem, expressa das mais diferentes formas: corporal, musical, plástica, oral, escrita” (MELO; BRITO, 2014, p. 68) contribuindo para o processo geral de inserção do sujeito em uma cultura letrada que requer, além da habilidade de codificar e decodificar sons e sinais gráficos, fazer um uso social competente das linguagens, como reforça as autoras.

Em relação às práticas curriculares, para Melo e Brito (2014) é importante que as crianças sejam consideradas pela escola como já imersas em uma cultura letrada e com experiências prévias e simultâneas à escola nesse campo, provenientes da própria dinâmica da sociedade atual: o grande tráfego de informações que se dá pelos distintos canais de comunicação. Contudo, chamam a atenção para a importância da mediação no processo de apropriação do conhecimento por parte da criança. Daí ser fundamental a participação do professor e da exploração de variados gêneros textuais para que a criança seja cada vez menos passiva na relação cotidiana que trava com as distintas comunicações às quais é exposta. Por isso, para as autoras:

[...] é viável apostar em atividades nas quais as crianças sejam levadas a resolverem problemas de natureza lógica para compreenderem de que forma a escrita representa graficamente a linguagem, haja vista que a escrita não é um simples sistema de codificação de unidades fonéticas, mas um complexo sistema de representação do mundo, da realidade (MELO; BRITO, 2014, p. 70).

Essas atividades devem ser prazerosas e significativas, reforçam as autoras, aproveitando a curiosidade típica das crianças, direcionando-a para as questões ligadas ao

desenvolvimento da linguagem. Ou seja, apesar de ter no método um orientador das práticas, o professor tem papel fundamental, especialmente no reconhecimento da criança como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento, e por isso respondem de formas diferentes aos métodos aplicados. Daí a necessidade de diversificação das práticas e atividades de modo a contemplar “a heterogeneidade dos processos de aprendizagem e atividades grupais que permitam a construção coletiva de conhecimentos” (MELO; BRITO, p. 72).

Martins, Albuquerque, Salvador e Silva (2015) apresentam uma reflexão sobre o uso de escrita inventada com crianças em idade pré-escolar, contribuindo positivamente nas habilidades de escrita e consciência fonológica. Na pesquisa apresentada, os autores investigaram um conjunto específico de atividades circunscritas no termo escrita inventada, sobre as quais não fizemos investigação específica junto às professoras e por isso não é objeto desse trabalho. Contudo, é importante perceber que vai ao encontro daquilo já exposto por Melo e Brito (2014) no que diz respeito à ação do professor como mediador no processo de aprendizagem, tratando a criança como parte ativa.

Martins *et al.* (2015) compreendem que mais importante do que memorizar a relação entre os códigos e as decodificações, é proporcionar às crianças atividades para utilizarem seus conhecimentos sobre as correspondências entre letras e sons, e assim produzam uma escrita inventada que reproduza o mais fielmente possível a forma como identificam os sons, revelando o que chamam de consciência fonética emergente. Esses exercícios, para os autores, vão fortalecendo nas crianças a prática da relação som-escrita-leitura e podem auxiliar o professor como forma de verificação processual da evolução da caminhada de cada criança nesta parte do seu processo de alfabetização e letramento.

Morais, Albuquerque e Brandão (2016) apresentam pesquisa realizada em duas turmas de educação infantil durante um ano letivo, onde observam o ensino e a aprendizagem da linguagem escrita. Eles apresentam a disputa entre duas posições que classificam como extremas. Por um lado, aqueles que entendem ser inadequado trabalhar a linguagem escrita na pré-escola por ser isso uma antecipação indesejável de algo que será trabalhado posteriormente, literalmente roubando da criança as oportunidades de viver a infância.

Segundo Moraes, Albuquerque e Brandão (2016), para esse grupo na pré-escola deveria ser desenvolvido o que chamam letramento sem letras, favorecendo “a expressão das crianças em diferentes linguagens, como a corporal, a musical, a gráfica, a do faz de conta, entre outras” (p. 520). Por outro, aqueles autores que compreendem a educação infantil como uma oportunidade de avançar na alfabetização, sendo que para isso as crianças repetiriam exercícios “de cópia, ditado e leitura de letras, sílabas e palavras, tomando-se a aprendizagem

da linguagem escrita como um ato de memorização de um simples código de transcrição do oral para o escrito e vice-versa” (p. 521).

Dispostos encontrar um meio termo, Moraes, Albuquerque e Brandão (2016) apresentam estudos, e desenvolvem uma investigação própria, onde identificam práticas efetivas no desenvolvimento da alfabetização e letramento na educação infantil, mas que trazem em si o direito da criança ao lúdico, à diversão, àquilo que próprio da sua infância. Os autores partem do princípio:

[...] de que a definição de objetivos ligados ao ensino sistemático da escrita não é incompatível com uma concepção de educação infantil que considere as peculiaridades e interesses da criança pequena [...]. Assim, o trabalho com a linguagem escrita e com sua notação não significa, de modo algum, a perda da dimensão lúdica, pelo contrário, ela pode e deve estar sempre presente nas situações de aprendizagem proporcionadas às crianças na escola. (MORAIS; ALBUQUERQUE; BRANDÃO, 2016, p. 522).

3.3 Algumas Considerações

Tanto as proposições da Base Nacional Comum Curricular como as pesquisas recentes analisadas nesse trabalho (MELO; BRITO, 2014; MARTINS *et al.*, 2015; e MORAIS; ALBUQUERQUE; BRANDÃO, 2016) apontam para a possibilidade de se tratar da leitura e da escrita na educação infantil, sem que isso represente um desvio ou torne-se algo impróprio para o desenvolvimento da criança, tolhendo-lhe a oportunidade de brincar e, nesse aspecto, aproveitar sua infância.

Pelo que foi apresentado, há tanto o fundamento legal das diretrizes da BNCC em relação à escrita espontânea, identificação de palavras conhecidas, produção de histórias orais e escritas, leitura de livros, registro de palavras, bem como um aparato científico-investigativo que vem colocando à prova, ao longo do tempo, essa possibilidade.

Os apontamentos da BNCC e dos autores revisados vão ao encontro do que afirma Soares (2003), para quem, na produção acadêmica brasileira, alfabetização e letramento estão quase sempre associados. A autora procura conceituar, confrontando os dois processos – alfabetização e letramento – embora a relação entre ambos seja inegável. Também estão em sintonia com Simonetti (2007) que vincula o termo alfabetização à aquisição do alfabeto e às habilidades de ler e escrever, destacando que esta aquisição se dá em forma de processo, ou seja, o sujeito aprende enquanto adquire estas habilidades. A autora ainda afirma que a criança, nesse processo, vai registrando o som da palavra, e a partir desse ouvir vai assimilando a letra com o som. A criança também entra no processo (exercício da sua coordenação motora) quando pega o lápis para a escrita das letras, tornando-se esse um

momento muito especial de descobertas, respondendo em parte a curiosidades próprias da infância.

A criança, portanto, precisa se apropriar do alfabeto, desenvolvendo habilidades fonológicas, reconhecendo os seguimentos sonoros das palavras como reflexão metalinguística. Ela não consegue aprender a ler e a escrever sem o processo da alfabetização. No processo de codificação e decodificação facilita a compreensão saber que as letras representam partes menores que as sílabas, possibilitando a criança desenvolver um pensamento reflexivo no processo de alfabetização (SIMONETTI, 2007).

Por sua vez, o conceito de letramento é definido “como condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 1998, p. 47 *apud* SIMONETTI, 2007, p. 21), sendo o ápice de um processo histórico de mutação e representação de instrumentos mediadores. A finalidade do letramento na escola é possibilitar que as crianças mergulhem no ato de ler e de escrever e produzam textos com sentido e significado. É preciso que a professora, como mediadora, de modo intencional insira a criança na cultura letrada, o que não significa encher a sala de livros, cartazes, fichas de nomes, letreiros, etc.

Da mesma forma, os apontamentos da BNCC e dos autores revisados, condizem com que escreve Emília Ferreiro (2000) sobre as questões em torno das quais tem girado a investigação sobre a alfabetização: como se deve ensinar a ler e escrever? Deve-se ou não ensinar a ler e escrever na pré-escola? Estas perguntas têm como base um pressuposto: são os adultos que decidem quando e como vai ser iniciado esse aprendizado. A autora insiste como mal colocadas estas perguntas, pois, quando as respostas às mesmas são negativas, e decide-se que só no primário deve-se ensinar a ler e escrever, vemos as salas da pré-escola passando por um processo em que delas desaparecem quaisquer traços de língua escrita.

Tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estudado de maturidade ou de prontidão da criança. Com base nas investigações afirma que nenhuma criança de 6 ou 7 anos de idade começa o primário com total ignorância da língua escrita. Por isso, como advoga a autora, é importante ter a criança como sujeito, como parte ativa no seu próprio processo de aprendizado (FERREIRO, 2000).

A partir do exposto até então, podemos afirmar que a relação entre alfabetização e letramento é essencial. Não há alfabetização sem construção de esquemas cognitivos para compreensão do sistema da escrita. Nesse sentido, a alfabetização é um processo que se inicia muito antes da entrada na escola, nas leituras que o sujeito faz do mundo que o rodeia, através das diferentes formas de interação do uso social dessas leituras no seu contexto. Sendo assim

cabe a escola já desde a educação infantil colocar a língua escrita sistematicamente a disposição do aluno para sua interação e uso significativo. Isso vai ao encontro do que é preconizado por esta pesquisa: a suposição do desenvolvimento de práticas de leitura e escrita na educação infantil e da existência de práticas preferenciais tanto por parte dos professores como das crianças.

A escola como campo de exploração para a criança precisa criar possibilidades para que ela venha satisfazer curiosidades e desenvolver novas buscas, gerando continuamente conhecimentos e aprendizagens. A partir do seu espaço vivido, a inserção em determinado contexto social, as crianças recebem distintos estímulos e se apropriam de diversas informações, isso envolvendo o campo da linguagem verbal e não verbal. Essa abordagem de pesquisa se faz importante para que possamos compreender em que medida as práticas educacionais atendem as orientações dos documentos oficiais, que servem como apoio para as práticas pedagógicas, e ao mesmo tempo, contribuir com as pesquisas em Educação sobre este tema.

4 PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA: UMA LEITURA DOS DADOS

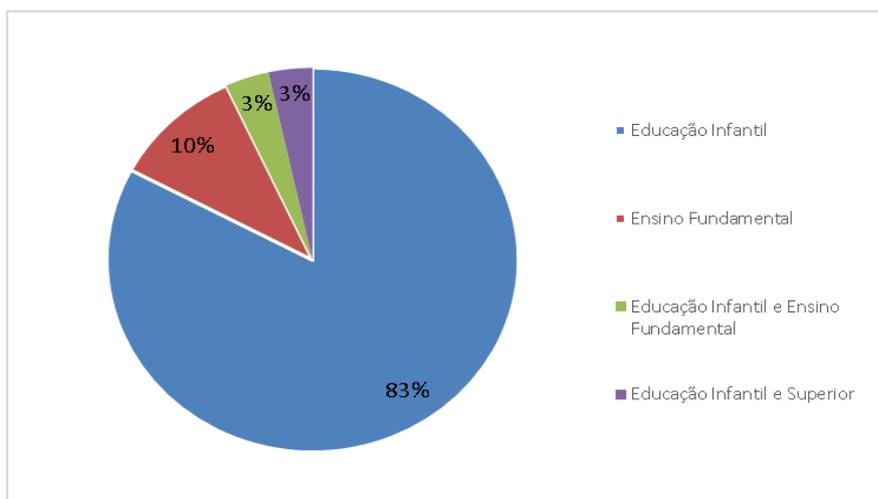
Apresentamos nesta seção os dados coletados junto às professoras que responderam à pesquisa. A estrutura segue a das questões do próprio questionário, dividida em duas grandes partes. A primeira apresenta os dados do perfil geral dos participantes, e a segunda as respostas referentes às práticas de leitura e escrita. Além disso, procura comparar os dados com os documentos oficiais analisados e com os autores que fundamentam a investigação.

4.1 Perfil dos Sujeitos

A análise dos dados mostra que 100% das pessoas que responderam ao questionário eram mulheres, e possuíam formação acadêmica de nível superior para o exercício da docência. Resultados esses que apontam para uma feminização da profissão docente nesse nível educacional, o que também é demarcado por outras pesquisas no campo da educação (ATAÍDE; NUNES, 2016). Especialmente o ensino na Educação Infantil tem sido um campo fértil de atuação por parte das mulheres que, segundo as autoras, acabam por desenvolver um percurso histórico que fortalece sua presença em distintos espaços da esfera pública (alguns de forma quase unânime, como a docência na Educação Infantil) e indica certa bravura por fazerem isso – essa ocupação de espaços – em detrimento das limitações socioculturais.

Na pesquisa que realizaram apontam como é percebido com certa naturalidade pelas próprias professoras, esta maior presença das mulheres no exercício da docência com crianças, transparecendo que “os espaços de atuação na docência já estão delimitados de maneira que as mulheres exerçam suas atividades com os alunos e as alunas menores e, os homens, com os maiores, já que, segundo elas [as professoras], os homens são mais racionais e as mulheres são mais cuidadosas, verdadeiras mães” (ATAÍDE; NUNES, 2016, p. 185).

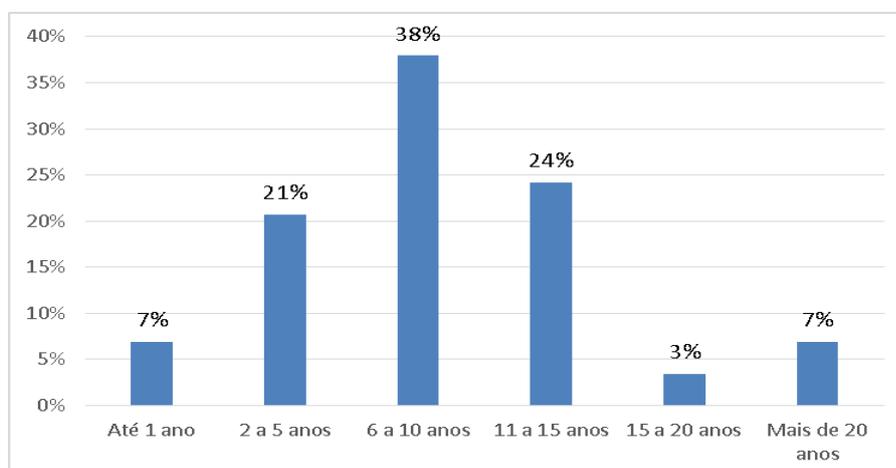
No período da pesquisa, como pode ser observado no gráfico 1, a maioria das respondentes (83%) exercia a docência exclusivamente na Educação Infantil, enquanto que 6% dividiam o trabalho na educação infantil com a docência em outros níveis da educação formal. Dessas, a metade, além da educação infantil também lecionava para o ensino fundamental e a outra metade para o ensino superior. Por outro lado, 10% dos respondentes já haviam lecionado para a Educação Infantil, mas no momento da pesquisa trabalhavam apenas com o Ensino Fundamental.

Gráfico 1: Atuação profissional docente

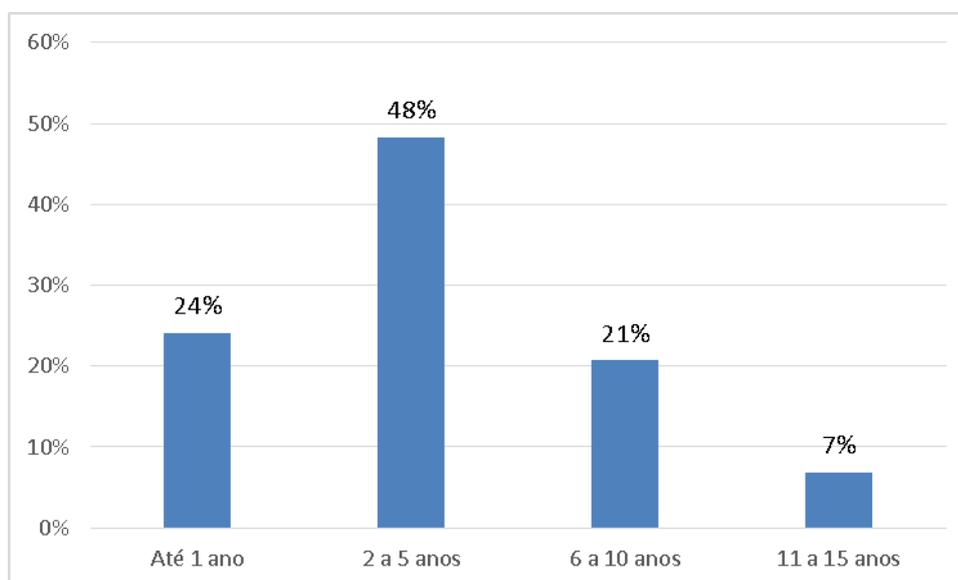
Fonte: a autora, 2019.

O exercício da docência na Educação Básica era algo mais ou menos recente para 28% das professoras que responderam a pesquisa, sendo que 7% trabalhavam há no máximo um ano e 21% de dois a cinco anos. A maioria dos professores, portanto, possuía mais de cinco anos de experiência de trabalho neste nível da educação, com 62% concentrados entre 6 e 15 anos de trabalho. Os outros 10% atuavam neste campo há quinze anos ou mais.

Já em relação à experiência de trabalho na Educação Infantil, a realidade das professoras respondentes se inverteu. A maioria delas (72%) declarou possuir no máximo cinco anos de experiência específica com a Educação Infantil, sendo que 24% possuíam um ano ou menos de experiência e 48% de dois a cinco anos. Os 28% restantes se colocaram entre seis e quinze anos de experiência com esse nível de ensino. Os gráficos 2 e 3 abaixo apresentam esses dados.

Gráfico 2: Tempo, em anos, de atuação na educação básica

Fonte: a autora.

Gráfico 3: Tempo, em anos, de atuação na educação infantil

Fonte: a autora.

4.2 Práticas Curriculares de Leitura e Escrita: apresentação dos resultados

Sobre as práticas curriculares de leitura e escrita, as professoras foram questionadas em dois aspectos: referente àquelas que elas – professoras – entendiam que mais contribuem para o processo de alfabetização e letramento dos seus alunos, e sobre as práticas que as crianças mais gostavam de fazer.

Sobre o primeiro tema – a leitura, apresentado no gráfico 4 mais abaixo – nove práticas foram mencionadas pelos professores como sendo as que mais contribuem para a alfabetização e letramento. Quatro se apresentaram preferidas por mais de 50% das professoras. A prática de reconto de histórias foi a única unanimidade. 100% das professoras declararam utilizá-la.

A leitura de diferentes livros pelo professor foi mencionada por 97% das professoras, e a leitura de diferentes textos pelos alunos seguida da identificação de letras e palavras em textos foram as opções de 76% e 69% das professoras respectivamente.

Outras cinco práticas de leitura foram mencionadas por menos de 50% das professoras. Dessas, três foram pré-apresentadas no formulário da pesquisa. Foram elas: reconhecimento de imagem (45%), leitura de palavras (31%) e leitura de frases (17%). As outras duas foram definidas pelas próprias respondentes, aproveitando a oportunidade de registro de outras práticas, oferecida pelo formulário utilizado na pesquisa. Foram elas:

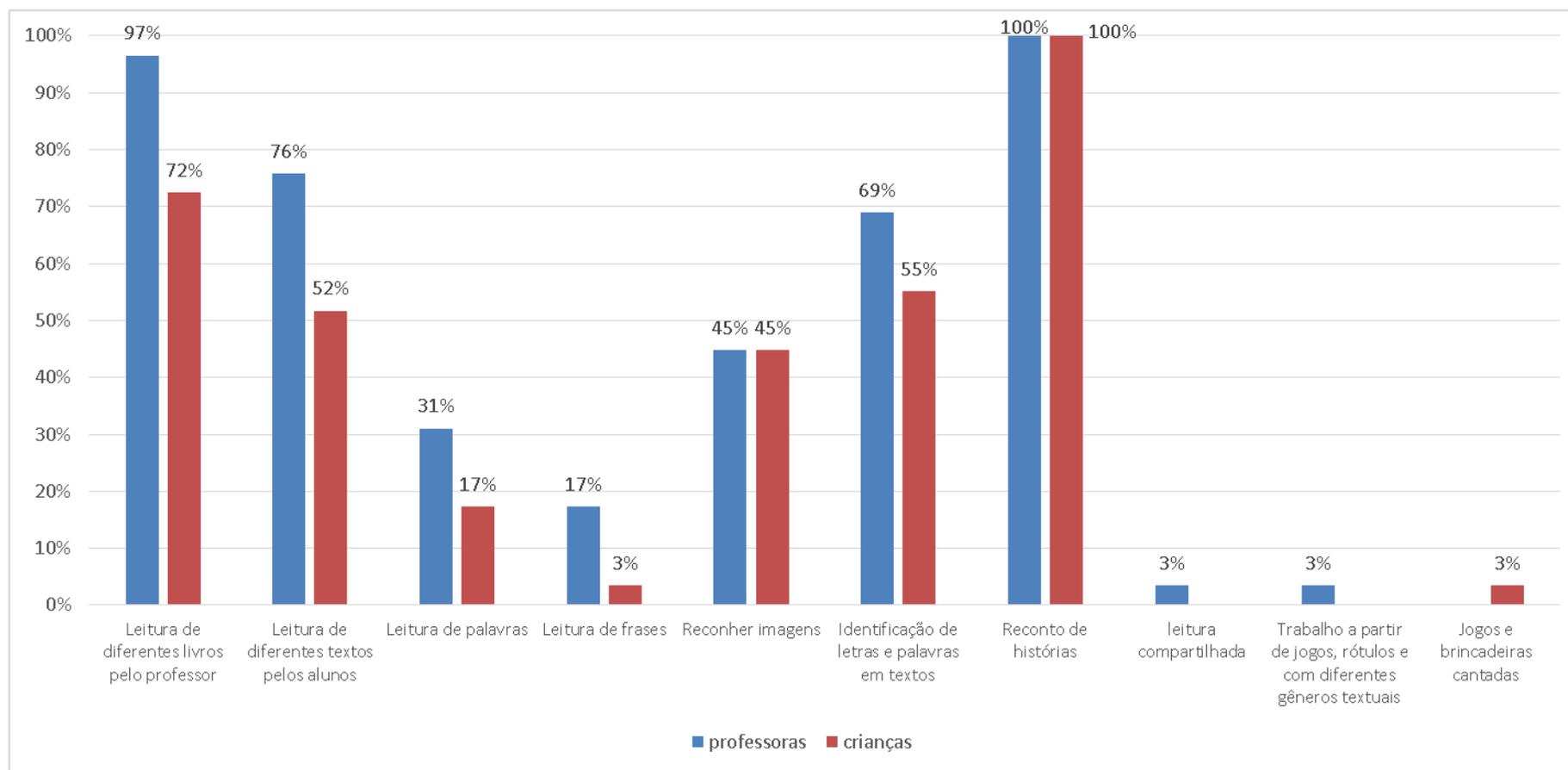
trabalho a partir de jogos, rótulos e com diferentes gêneros textuais e leitura compartilhada. Cada prática mencionada por uma professora.

Sobre as práticas curriculares de leitura que as crianças mais gostam, na opinião das professoras, além de 100% elegerem o reconto de histórias como a prática que mais contribuía para a alfabetização e letramento, 100% delas também percebiam que é desta prática que as crianças mais gostavam.

Na sequência, como demonstrado no gráfico 4 a seguir, 72% apontaram que as crianças demonstravam gostar que elas – as professoras – fizessem a leitura em sala de aula de diferentes livros. Esta segunda prática mantém certa relação com a primeira mencionada pelo fato de ter alternância no protagonismo: elas – as crianças – recontam uma determinada história e as professoras, por sua vez, leem diferentes histórias, provenientes dos livros, enriquecendo o repertório dessas crianças.

Em seguida, ainda como apontado no gráfico 4 abaixo, as práticas de identificação de letras e palavras em textos, leitura de diferentes textos pelos alunos e reconhecimento de imagens, com 55%, 52% e 45% respectivamente, foram, na sequência, as mais mencionadas pelas professoras como sendo a preferência das crianças. Por fim, as professoras entenderam que as crianças gostam menos da prática de leitura de palavras, leitura de frases de jogos e brincadeiras cantadas como forma de trabalhar a leitura, já que estas alcançaram o percentual de 17%, 3% e 3% cada uma.

Gráfico 4: Práticas curriculares de leitura que mais contribuem para o processo de alfabetização e letramento dos seus alunos, na concepção das professoras e das crianças



Fonte: a autora.

Em relação ao segundo tema – a escrita, apresentado no gráfico 5 mais abaixo –, no que diz respeito à preferência das professoras, dez práticas foram citadas por elas como as que mais contribuem para o processo de alfabetização e letramento das crianças. Não ocorreu nenhuma unanimidade na escolha pelas professoras e somente duas práticas foram selecionadas por mais de 50% das pesquisadas: recontar história ilustrando por desenho (76%) e produção de texto livre (69%). Já a produção de texto individual foi preferida por 41% e a prática semelhante de produzir textos em dupla por percentual parecido, 38%.

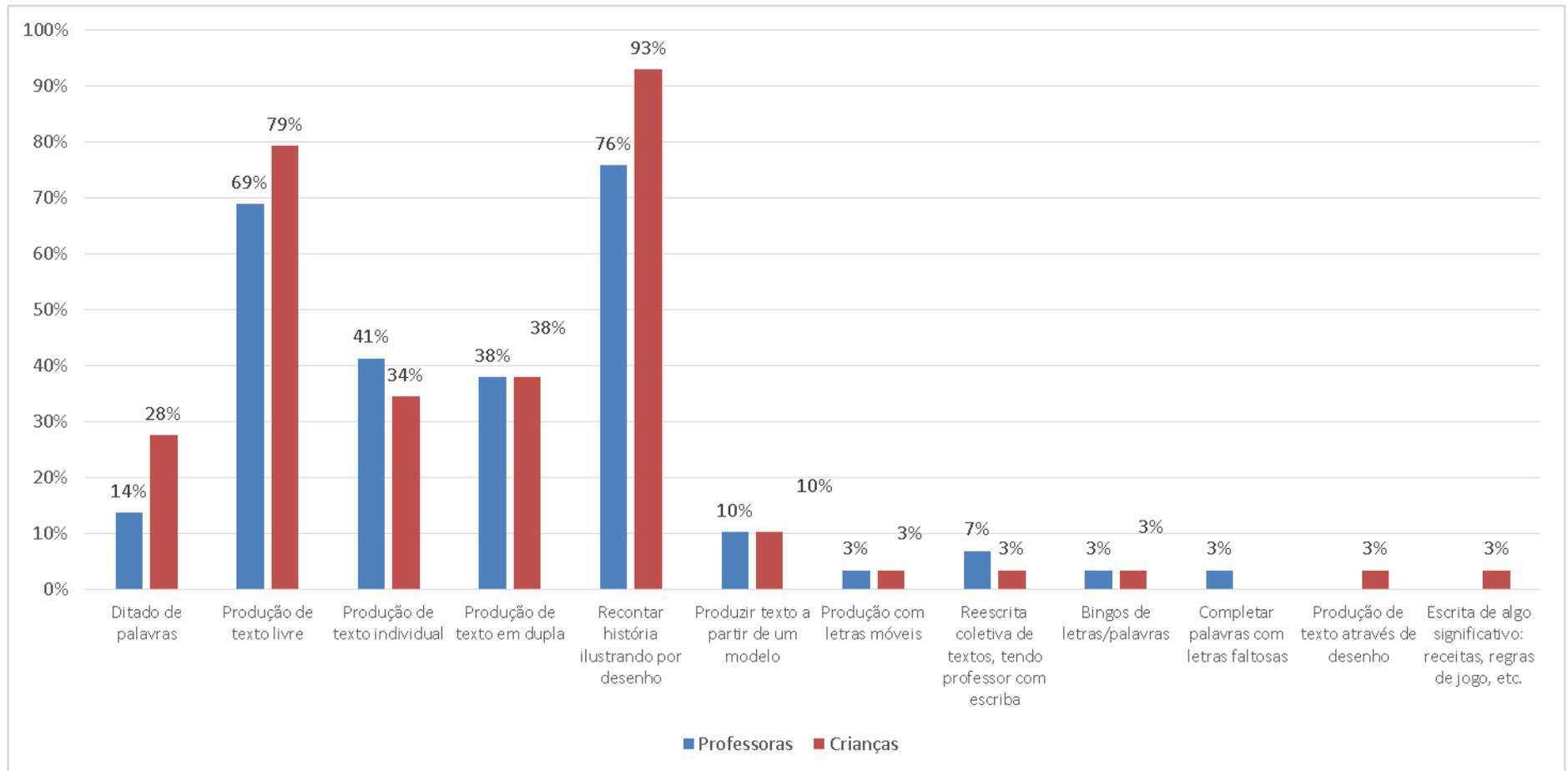
Outras quatro práticas foram mencionadas por uma quantidade menor de professoras. Escrever por meio de ditado de palavras, produção de texto a partir de um modelo, e a reescrita coletiva de textos por 14%, 10% e 7% das professoras respectivamente, e ainda a realização de bingos de letras e palavras, completar palavras com letras faltosas e a produção de texto utilizando letras móveis com 3% cada uma.

Sobre as práticas curriculares de escrita que as crianças mais gostam de fazer, na opinião das professoras, as respostas estão apresentadas também no gráfico 5 mais abaixo. Percebemos que a mesma lógica geral se repete também na comparação das preferências dos professores – por entenderem que são mais eficientes – com aquilo que perceberam fazer parte também da preferência das crianças.

A ordem de importância é praticamente a mesma, como aponta o gráfico 5 abaixo. Recontar ilustrando com desenho segue como a que percebem as crianças mais gostarem. 93% afirmam isso. E 79% afirmam que a produção de texto livre atrai bastante às crianças. A produção do texto em dupla também é percebida como preferível pelas crianças em detrimento da produção individual. 38% das professoras fizeram a primeira afirmação e 34% fazem à segunda. Na sequência, 28% perceberam que as crianças gostam dos ditados de palavras e 10% que elas gostam de produzir textos a partir de um modelo.

Ainda de acordo o gráfico 5 a seguir, cinco práticas foram elencadas por uma professora cada uma: produzir texto coletivo tendo o professor como escriba (assemelha-se à produção de texto em dupla, mas com a qualificação específica da participação do professor como aquele que sintetiza ou dá a escrita final ao texto produzido a várias mãos), o uso de alfabeto móvel e/ou bingo de letras e palavras, a escrita de algo significativo para as crianças (receitas de bolo, regras de algum jogo que costumam brincar, dentre outras coisas) e a produção de texto a partir de um desenho, que se assemelha ao reconto com auxílio de ilustração.

Gráfico 5: Práticas curriculares de escrita que mais contribuem para o processo de alfabetização e letramento dos seus alunos, na concepção das professoras e das crianças



4.3 Práticas Curriculares de Leitura e Escrita: alguns comentários

Há perceptível semelhança entre as preferências das professoras e aquilo que elas entendem ser opções das crianças. É plausível pensar que, na medida em que as professoras utilizam ao longo do ano letivo e da própria profissão docente, determinadas formas de trabalhar os conteúdos relacionados à alfabetização e letramento, os alunos – as crianças no caso – vão, por um lado, se acostumando com determinadas práticas e, por outro, aprendendo a comparar umas com as outras. Mais uma vez ressaltamos que não houve consulta às crianças, mas inferências a partir da percepção das próprias professoras a respeito daquilo que entendiam ser o que as crianças mais gostavam.

De uma maneira geral, identificamos que as professoras percebem as crianças gostarem mais quando estão produzindo ou participando de algo significativo para elas (FERREIRO, 2000). Com relação à leitura e à escrita, as práticas mais valorizadas pelas professoras se caracterizam tanto pela orientação direta do professor ao aluno (leituras e recontos de histórias pelo professor) como pela participação mais livre da criança no desenvolvimento de sua leitura e produção de textos (leituras pelos alunos, identificações de palavras e letras nos textos, ilustrações com desenhos e produções textuais livres). Isso sinaliza um certo dinamismo no cotidiano da sala de aula, dando a entender que as professoras direcionam a apresentação de conteúdo, mas também permitem, incentivam e ajudam as crianças a produzirem, desenvolverem suas hipóteses sobre a escrita e a leitura (FERREIRO, 2000; MARTINS *et al.*, 2015; e MORAIS; ALBUQUERQUE; BRANDÃO, 2016).

Outra observação importante ao analisar as práticas informadas na pesquisa pelas professoras, é que elas se encontram de acordo com as orientações oficiais conforme expressas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No que diz respeito a leitura, a BNCC sugere recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história. Dessa forma as professoras informaram que gostavam de fazer o reconto de histórias como a prática que mais contribui para uma boa relação ensino/aprendizagem da leitura e escrita, e que as crianças preferiam também o reconto de histórias (BRASIL, 2019).

Quanto à escrita a BNCC sugere expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão. Podemos perceber que no resultado da pesquisa

recontar ilustrando com desenho segue como a que as crianças mais gostam, como também a produção de texto livre atrai bastante as crianças. De forma preliminar, essas podem ser consideradas evidências de que essas professoras se encontram alinhadas às orientações da BNCC.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas respostas das vinte e nove docentes, comparando ao que os autores apresentados discutem e ao que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz como objetivos, a proposta desta investigação preliminar se mostrou pertinente para trazer elementos que contribuem com o tema.

Pensando na questão problematizadora desta investigação (quais as práticas curriculares de leitura e escrita mais utilizadas pelo professor e sua relação com as práticas curriculares que os professores afirmam que as crianças mais gostam?) e nos objetivos propostos (Identificar quais as estratégias mais utilizadas pelos professores para trabalhar a leitura e a escrita, e descrever, na opinião dos professores, quais as estratégias as crianças mais gostam) as práticas foram informadas pelas docentes e apresentadas graficamente neste trabalho.

As professoras investigadas apontam que nestas práticas curriculares de leitura e escrita há uma sintonia entre as suas preferências e as das crianças. As crianças não foram consultadas diretamente, e isso pode ter sido um fator preponderante para esta harmonização entre as respostas. Esta pode ser uma indicação para aprofundar a pesquisa sobre o tema.

Todos os nove objetivos da BNCC aparecem contemplados nas opções informadas pelas professoras. Uns com mais intensidade que outros, mas todos se fazem presentes, mesclando atividades conduzidas pelo professor, outras das quais ele participa mediando e outras quando as crianças tomam a frente produzindo leituras e escritas espontâneas.

Concordando com Morais (2013), Melo e Brito (2014) a respeito da importância de desenvolver bem as habilidades de leitura e escrita e da Educação Infantil ser um espaço apropriado para isso, as professoras participantes parecem investir no processo de aprendizagem de leitura e escrita das crianças. Da mesma forma, as práticas elencadas pelas professoras deixam transparecer que levam em consideração o que as crianças entendem como importantes (escrita de coisas significativas para as crianças), gostam e já sabem. As práticas definidas também indicam a presença da dimensão lúdica, como bem recomenda a BNCC (MORAIS; ALBUQUERQUE; BRANDÃO, 2016).

Para Morais (2013), uma boa estratégia para que isso ocorra, e pode valer para os pais e professores, é a leitura partilhada. Para o autor este tipo de leitura ajuda na aprendizagem de palavras novas por meio do contato direto com o novo termo e indireto, através das imagens que sugerem novas palavras. Esse exercício vai aumentando aos poucos o vocabulário e ajudando no melhor desenvolvimento da linguagem. Todas as atividades devem, de alguma forma, possibilitar o ler e o escrever.

Dessa forma confirmamos a ideia do professor como parte fundamental nesta fase do Ensino da Educação Infantil, com as leituras e escritas, possibilitando novos conhecimentos no desenvolvimento e aprendizagem, exercendo, em algumas ocasiões, um papel de escriba dessas crianças. O professor precisa incentivar a prática da leitura para que as crianças comecem e prossigam tomando gosto e prazer pela leitura.

Para investigações futuras, algo importante de se verificar é se essa harmonização das práticas em sala de aula com aquilo proposto pela BNCC está relacionado ao conhecimento deste documento por parte das professoras, de modo a se adequarem ao que é pedido.

REFERÊNCIAS

- ATAÍDE, Patrícia Costa; NUNES, Iran de Maria Leitão. Feminização da Profissão Docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. **Educação e Emancipação**, São Luís, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: <08/04/2019>.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 42 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 10 ed. São Paulo: EPU, 2007.
- MARTINS, Margarida Alves; ALBUQUERQUE, Ana; SALVADOR, Liliana; SILVA, Cristina. Escrita Inventada e Aquisição da Leitura em Crianças de Idade Pré-escolar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 31 n. 2, p. 137-144, abr./jun. 2015.
- MELO, Keylla Rejane; BRITO, Antônia Edna. Leitura e escrita na educação infantil: sobre usos e funções. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v. 5, n. 15, p. 67-90, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MORAIS, José. **Criar leitores**: para professores e educadores. Barueri, SP: Manole, 2013.
- MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves. Refletindo sobre a língua escrita e sobre sua notação no final da educação infantil. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, p. 519-533, set./dez. 2016.
- SIMONETTI, Amália. **O desafio de alfabetizar e letrar**. 2 ed. Fortaleza: IMEPH, 2007.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.